



ESTRANGEIROS NO BRASIL

Conde Emmanuel de BENNIGSEN

A obra “Estrangeiros ilustres no Brasil”, do Visconde de Taunay, devia ter, como primeiro ensaio no gênero, algumas lacunas, aliás inevitáveis, e que, no correr dos anos, foram aos poucos preenchidas por outros autores. Assim, Mário de Lima Barbosa publicou um livro magistral, “Os franceses na História do Brasil”, no qual se encontram novos detalhes sobre alguns viajantes que aqui estiveram. Há tempos, também dei a conhecer aos leitores de “O Estado” as impressões de viajantes russos, quando passaram por Santa Catarina, no início do século XIX. Vou, agora, fornecer alguns pormenores sobre estrangeiros cuja estada no Brasil consta da obra de Lima Barbosa, bem como a respeito de um russo, cuja visita parece não haver deixado traços entre nós.

Lima Barbosa refere-se à permanência involuntária de Napoleão III na baía do Rio de Janeiro, após o malogro de sua aventura do Strasburgo. Cita duas cartas em que Napoleão conta à sua mãe as belezas dessa baía, falando, ao mesmo tempo, na possibilidade de instalar-se na América do Sul. Talvez fosse possível encontrar os pormenores dessa estada, assim como da viagem, nos arquivos da Marinha Francesa, entre os relatórios do capitão De Villeneuve, comandante da “Andromede”, que conduzia o príncipe. As ordens secretas, abertas no mar, recomendavam àquele oficial que conduzisse Luiz Napoleão ao Rio de Janeiro, sem desembarcá-lo ali e impedindo qualquer comunicação com o príncipe. Depois de fazer no Brasil as necessárias provisões, o navio devia seguir para Nova York. Nessas condições, chegando ao Rio de Janeiro em 1837, Napoleão não pode pisar o solo brasileiro, sendo-lhe dado apenas de bordo do “Andromede” contemplar as belezas da capital do país.

Vinte anos antes, estive no Rio o Conde de Balmen, delegado do Imperador da Rússia em Santa Helena, onde devia vigiar Napoleão. Sabe-se que Balmen, bem como seus colegas austríacos e franceses não foram recebidos por Napoleão, pois, da mesma forma que as autoridades britânicas, eles não reconheciam no prisioneiro o título de Imperador. Nada tendo, pois, a fazer em Santa Helena, Balmen resolveu visitar o Rio, talvez para ali pôr-se ao par dos rumores de preparos da evasão dos Bonaparte.

Na capital do Brasil, foi bem recebido pelo imperador Pedro I, então ainda regente. A impressão que o diplomata austríaco teve desse príncipe não foi das melhores, pois não viu nele traço algum da inteligência superior. Balmen deixou memórias dessa passagem de sua vida e que não foram publicadas até agora. Essas memórias estavam, até antes da atual guerra, em Paris, em poder da viuva do último representante da sua família. Parte delas foi utilizada pelo romancista Aldanoff para o seu livro “Santa Helena, pequena ilha”. Balmen não permaneceu muito tempo em Santa Helena, onde se casou com uma encantadora moça, sobrinho do governador da Ilha, sir Hudson Lowe. Regressando a Petersburgo, foi quase imediatamente enviado, em missão extraordinária, para a China, para onde partiu, deixando na Rússia sua jovem esposa. Quando voltou, encontrou-a mãe de um menino, cuja paternidade se atribuiu a Alexandre I, o qual, apesar de seu misticismo, não foi indiferente à beleza feminina. Com a mulher e o filho, Balmen fez uma viagem ao estrangeiro, viagem essa de que tornou sozinho, não se havendo mais falado na esposa do diplomata.

Mais longa foi a permanência, no Brasil, de outros dois estrangeiros, cujos nomes estão ligados ao de Napoleão I; o de seu ajudante de campo general Conde de Hogendorp e o de uma das mulheres que causaram em Bonaparte grande impressão, Madame Fourés. Ambos são citados por Lima Barbosa, porém sem grandes pormenores. O romance de Napoleão com Madame Fourés, cujo nome de família era Bellisle, desenrolou-se no Egito, aonde, em trajes masculinos, ela acompanhou o marido, tenente Fourés. No Cairo, já haviam sido apresentadas ao imperador meia dúzia de mulheres orientais que, entretanto, não despertaram nele nenhuma simpatia. Era o tempo em que o general se considerava livre, após

a traição de Josefina na campanha da Itália. Gostando de madame Fourés, mulher pequena, loura, de olhos azuis e muito bonita, Napoleão mandou para a França o tenente Fourés, em missão de correio, e aproveitou-se da ausência deste para substituí-lo. Essa ligação era assunto de todas as rodas, pois Napoleão comparecia com a mulher a todas as festas e, quando passeavam com ela, os seus guardas, entre os quais figurava Eugênio de Beauharnais, filho de Josefina, faziam a guarda de honra da carruagem. Mas o navio que conduzia o tenente Fourés fez capturado pelos ingleses, que levaram o jovem oficial para o Egito, sob promessa de não pegar em armas contra eles. Ali, a primeira coisa que Fourés fez foi dar uma sova na mulher e, depois, requerer divórcio, que foi logo concedido.

A “Belilotte”, como então a apelidaram, desempenhou junto de Bonaparte, o papel de Cleópatra. “Lá vem nossa generala”, dizia-se. Massou assegurava que se ela desse um filho a Napoleão, este a teria desposado. Mas a tolinha não sabia conseguir isso, e dizia: “A culpa não é minha”.

Ao deixar o Egito, Napoleão deu ordem para que Madame Fourés fosse para a França; entretanto, Kleber e Menon não se apressaram em cumprir a determinação do general e, quando ela chegou à França, Napoleão já era Primeiro Cônsul e rigoroso em matéria de costumes. Não quiz mais vê-la, mas jamais lhe recusou auxílios em dinheiro. Ainda em 1811, deu-lhe 60.000 francos e comprou-lhe uma casa de campo perto de Paris. Em 1800 ela desposou um oficial reformado, Ranchoup, que se dizia nobre, embora sem motivo algum. Por sua vez, Madame Ranchoup mais tarde também se dizia condessa, e ainda com menos razão. Ranchoup foi, logo depois, nomeado cônsul na Espanha e na Suécia, porém a mulher sempre ficou em Paris, freqüentando a sociedade, onde a achavam muito inteligente e agradável. Teve, então, diversos amantes e, por vezes, dois ao mesmo tempo.

Finalmente, aborrecido pelas constantes ligações da mulher, Ranchoup requereu e obteve separação de corpos e bens. Foi quando “Belilotte” publicou seu primeiro romance, “Lord Wentworth”, seguido, mais tarde, de outro, “Uma castelã do século XII”, obras essas que obtiveram certo êxito. Sua vida frívola e sem preocupações durou até 1816,

quando ela se viu arruinada. Era então seu amante um certo Bellard, ex-oficial da guarda imperial. Ela vendeu o mobiliário de sua casa, comprou grande quantidade de mercadorias e partiu com Bellard para o Brasil, onde vendeu com bom lucro o que trouxera, regressando, em seguida, à França, para vender lá madeira de acajú e pau-santo. Deve ter sido boa negociante, pois, havendo rompido logo depois com Bellard, continuou a comerciar entre o Brasil e a França até 1839, conseguindo com isso considerável fortuna. A princípio, dizia-se que havia vindo ao Brasil somente para libertar de Santa Helena Napoleão. Em suas memórias, a duquesa de Abrantes se refere a esse fato. Apesar dos protestos da “Balilotte”, até 1835 ela esteve sempre vigiada pela polícia real. De 1839 em diante, fixou residência em Paris, onde viveu ainda trinta anos, cercada sempre de muitos amigos, entre os quais figurava a célebre animalista Rosa Bonheur. Antes de morrer, queimou sua correspondência, por isso o que nesses papéis pode haver sobre sua permanência no Brasil deve estar aqui, se ainda existir algo a respeito.

A última personagem que vale registrar no relato que ora fazemos, é o Conde Dirk de Hogendorp. Holandês de origem, trabalhou, a princípio, em sua pátria e nas colônias desta; entretanto, depois da anexação da Holanda à França, entrou para o serviço militar de Napoleão. Foi um dos conselheiros do rei Luís Bonaparte, seu ministro da guerra e, em seguida, seu embaixador em Viena e Madrid. Desde 1810 esteve a serviço de Napoleão, tendo sido ajudante de campo do Imperador a partir de março de 1812. Feito conde do Império, foi provido num morgadio em Brunswick e, durante a guerra de 1812, nomeado governador-geral da Lituânia. Nas memórias de general Bennigsen, meu antepassado, que cercou Hamburgo em 1814, consta que Hogendorp fora nomeado governador desta cidade para fazer sentir “aos pobres hamburgueses a cólera do Imperador, pois Hogendorp se caracterizava por seu caráter duro e interesseiro”.

Durante o cerco de Hamburgo, onde em 1814 se encontrava o Marechal Davout, as relações entre este e Hogendorp foram as mais tensas; e o conde se queixava até de haver sido caluniado pelo marechal. Terminadas as hostilidades, Hogendorp foi nomeado para um alto cargo

na Holanda, mas quando napoleão fugiu da Ilha de Elba e voltou para Paris, o general foi imediatamente reunir-se a ele. Depois de Waterloo, sua situação tornou-se insustentável tanto na França como na Holanda, o que o levou a emigrar para o Brasil, onde viveu em situação material bem penível, desde 1814 até a morte, em 1822. É provável que nem tenha sabido que, pelo codicílio de 24 de abril de 1821, Napoleão deixara 100.000 francos “ao General Hogendorp”.

No Brasil Hogendorp escreveu suas memórias, das quais uma cópia foi enviada a Jacques Arago, que a isso se refere em seu relato de viagem “ao redor do mundo”. Em 1886, seus herdeiros publicaram suas memórias, mas esses documentos não se referem ao Brasil. Recentemente, durante a atual guerra, publicou-se em França um livro sobre Hogendorp e que, segundo as notas bibliográficas, contém suas cartas do Brasil; esse livro, porém, ainda não chegou a São Paulo. Nessas condições, a respeito dos últimos anos da vida de Hogendorp consta somente o que foi contado por Arago.

Passando um dia pelo Corcovado, Arago sentiu muita sede e entrou numa modesta casinha isolada, onde viu um grande retrato de um general francês. Um velho que lá estava aproximou-se e explicou-lhe que o retrato era do Conde Hogendorp. Arago pediu-lhe um copo de água, sendo-lhe servido vinho de laranja. Hogendorp ali vivia vendendo esse vinho e carvão vegetal, que queimava e levava para o mercado do Rio. Mas, tirante o vinho, não possuía senão frutas, chegando a faltar-lhe pão. Hogendorp contou a Arago que os seus inimigos da Europa assoalhavam que ele possuía no Brasil grande quantidade de escravos, quando, na realidade, não tinha mais que um, o fiel Singa. Dias depois, Arago fez nova excursão ao Corcovado a fim de conhecer a floresta virgem tão imponente e nossa ocasião voltou à casa de Hogendorp para levar-lhe pão.

Arago transcreve as opiniões que colheu no Rio a respeito do general. Os franceses o admiravam. “Que nobre alma, que coragem e que resignação no infortúnio!” diziam. Entretanto, um nobre brasileiro e qualificou de louco e idiota, por haver recusado alto posto no exército nacional, sob a alegação de ser possível utilizar-se um dia de sua espada contra os franceses. Todavia, é de supor fosse outro o verdadeiro motivo

da recusa. Deixando a carreira no país natal somente para ser fiel ao Imperador, Hogendorp teria provavelmente encarado seu ingresso no exército brasileiro, que fazia parte então do exército português, como traição moral a Napoleão, não tendo, portanto, querido, nesse particular seguir seus companheiros de armas. Íntegro, preferiu manter a honra mesmo ao preço da própria miséria; e morreu, deixando aos descendentes, um nome sem mácula. Parece que sua memória não deixou vestígios no Brasil, onde apenas seu corpo teve repouso eterno.

(“O Estado de S. Paulo”, 1-7-1943).